

# FISSURADA

## Imagens do desabitar no bairro de Bebedouro em Maceió/AL

*FISSURED*  
*Images of the uninhabitation process  
of the neighborhood of Bebedouro in Maceió/AL*

**Patrícia Soares Vieira<sup>1</sup> e Roseline Vanessa Santos Oliveira<sup>2</sup>**

### Resumo

Este artigo trata do abandono como um acontecimento: o desabitar recente do bairro de Bebedouro na cidade de Maceió/AL, ocasionado pelo agravamento das consequências da mineração de longa data de sal-gema em região da cidade. Deparamo-nos aqui com um lugar de memória, que passou por transformações profundas e que atualmente se apresenta por rastros tangíveis e intangíveis de outros tempos, evidenciando circunstâncias traumáticas que propiciaram a desestruturação e descontinuidade de seus modos de habitar. A partir de revisão e análise documental, observação empírica e análises de conteúdo, privilegiou-se imagens de diferentes tempos e fontes para construir o conceito de fissura enquanto polissemia que nos permite interpretar e relacionar reverberações históricas e socioambientais desse acontecimento: o que quebrou, o que não resistiu, o que persistiu, o que se construiu pelos efeitos de uma força que compôs uma memória traumática.

Palavras-chave: fissura, desabitar, imagem, Bebedouro, patrimônio.

### Abstract

*This article approaches abandonment as an event: the recent uninhabitation of the Bebedouro neighborhood in the city of Maceió/AL, caused by the aggravation of the consequences of the salt mining in this region of the city. Here we find a place of memory that has undergone profound transformations and currently presents itself with tangible and intangible traces of other times, showing traumatic circumstances that led to the destructuring and discontinuity of its ways of inhabiting. Based on document review and analysis, empirical observation and content analysis, images from different times and sources were used to build the concept of fissure as a polysemy that allows us to interpret and relate historical and socio-environmental reverberations of this event: what broke, what did not resist, what persisted, what was built by the effects of a force that composed a traumatic memory.*

*Keywords: fissure, uninhabitation, image, Bebedouro, heritage.*

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas (FAU/UFAL), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado (PPGAU/DEHA) da UFAL e integrante do grupo de Pesquisa Laboratório de Interpretação de Núcleos habitados (LIN.A).

<sup>2</sup> Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e de seu Programa de Pós-graduação. Líder do Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados (LIN.A-CNPQ). Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFBA), tendo realizado pós-doutorado junto à Universidade de Évora.

### Introdução: situando o bairro, a fissura e a literatura

Pensando na chamada desta revista, buscou-se construir este artigo a partir de uma das questões postas – *quais as reverberações de um abandono?* Situamos aqui o termo abandono como um acontecimento: o desabitar recente do bairro de Bebedouro na cidade de Maceió/AL. Nesse sentido, discutiremos o termo fissura, acolhendo a sua polissemia, que nos permite interpretar e relacionar reverberações deste desabitar pela maioria dos moradores do bairro.

O termo fissura, além de se configurar como uma abertura que se manifesta em determinadas superfícies, como um mecanismo de alívio das tensões de seus componentes, traz aberturas semânticas que nos possibilitam outras compreensões. Por exemplo, ao transbordar seus sentidos, abre-se a possibilidade de entrelaçamento entre dimensões históricas e socioambientais reconhecidas no bairro de Bebedouro.

O bairro integra a área diretamente afetada (figura 1) pelo processo de subsidência – fenômeno que se caracteriza, de maneira geral, pelo rebaixamento de superfícies devido a alterações no suporte subterrâneo de determinada área (SANTOS *et al.*, 2020, p. 92). Tal processo aconteceu de maneira silenciosa até ser evidenciado em 2018 por ocorrência de um tremor de terra no bairro do Pinheiro. Após diversos estudos sobre o local do tremor entre 2018 e 2019, A CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM, 2019), apresentou um detalhado relatório apontando como causa-gatilho para tal processo, a exploração de sal-gema pela petroquímica Braskem, que atuava nesta atividade desde a década de 70.

As áreas afetadas pela mineração tornaram-se instáveis para ocupação. Dentre os 14.394 imóveis existentes, 13.641 estão desocupados e mais de 55 mil pessoas foram prejudicadas (VELEDA; ESTRELA, 2022). Além de Bebedouro, outros bairros como Pinheiro, Mutange, Bom Parto e parte do Farol, com realidades socioeconômicas, histórias e uso e ocupação distintos, também foram afetados, carregando em comum consequências da mineração que se perpetuam por décadas.

O bairro de Bebedouro é uma das áreas afetadas e um dos primeiros aglomerados urbanos da cidade com significativo papel na expansão da cidade para o interior<sup>3</sup>, além de conter marcos arquitetônicos e paisagísticos centenários. Apresenta em parte de sua delimitação, um polígono reconhecido (talvez apenas) pelo plano diretor (MACEIÓ, 2005) como *Zona Especial de Preservação 3 (ZEP 3)*, duas *Unidades Especiais de Preservação (UEP)* e *Áreas de Preservação Permanente (APP)* nas faixas que margeiam o Riacho do Silva e na orla da Lagoa Mundaú – este último, fazendo parte do *Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba - CELMM*<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Bebedouro, como um aglomerado distante de Maceió (O que se considera hoje o bairro do Centro era colocado em mapas como *Maceió*) foi se constituindo em decorrência dos eixos de escoamento da produção mercantil: “A consolidação da formação territorial de Maceió deve-se principalmente à situação estratégica em que se encontrava, possuindo grande potencialidade para fins comerciais. Foi o potencial vislumbrado na atividade portuária que progressivamente despertou o interesse dos gestores provinciais. A atividade comercial, em função principalmente do porto de Jaraguá, marcou profundamente a formação espacial da cidade até a atualidade. É em torno da produção mercantil que se organizavam suas principais localidades, destacando-se o Centro, Jaraguá, Bebedouro, Levada, Poço, Trapiche e, posteriormente, o bairro do Farol” (AMARAL, 2018, p.97, grifo nosso).

<sup>4</sup> Compreende o maior complexo estuarino do Estado e é constituído por “(...) um conjunto amplo de lagunas, ilhas e canais flúvio-marinhos, distribuído no litoral central sul de Alagoas, onde ocupa frações dos municípios de Maceió, Marechal Deodoro, Rio Largo, Satuba, Pilar, Coqueiro Seco e Santa Luzia do Norte” (SILVA; FERREIRA, 2021, p. 69).



Figura 1 - Localização da cidade, destaque a Bebedouro (laranja) e delimitação da região diretamente afetada. Fonte: Google Earth, 2022. (adaptado).

Um campo de estudos largamente difundido, e que abrange as circunstâncias observadas no Bairro, é o *Patrimônio Cultural*. Em uma de suas difundidas conceituações é entendido como sendo os bens de natureza tangível ou intangível de forma individual ou em conjunto que referenciam identidades, ações e memórias de grupos constituintes da sociedade (BRASIL, [2016]). A interpretação e gestão oficial do patrimônio está associada a uma seletividade de valores atribuídos pela sociedade detentora dos meios para a sua difusão e/ou conservação. Contudo, quando pensamos nas delimitações e identificações oficiais de um bem, outras escalas do cotidiano urbano do local podem acabar esmaecidas nesse processo. Como Castriota (2019) aponta, um lugar de patrimônio está associado a múltiplos valores culturais nunca intrínsecos, mas sempre atribuídos, mutáveis e frequentemente conflitantes. Nesse sentido, podem ser percebidos em diversas consistências: da escala arquitetônica a urbanística; da palavra a imagem; de (re)apropriações e (re)significações dos espaços e práticas; do vazio ao preenchido. Sempre em movimento pela sua “(...) capacidade de deformação, ruptura e coesão, a depender de com que forças ele precise se opor” (OLIVEIRA, 2019, p. 14).

Ao olhar para Bebedouro atualmente, dentro da perspectiva patrimonial, nos deparamos com um *lugar de memória*. Pelo termo referenciado por Nora (1993), podemos compreender como um lugar que passou por transformações profundas, que se apresenta apenas por rastros de dinâmicas de outros tempos e que evidencia, assim, circunstâncias traumáticas que propiciaram a desestruturação e descontinuidade de seus modos de habitar. Dessa maneira, compreendemos que a percepção do patrimônio de Bebedouro está profundamente associada às perdas recentes geradas pelas consequências da subsidência no bairro. Vale ressaltar que estas transbordam limites oficiais, pois não abrangem apenas os bens protegidos/identificados pelos instrumentos municipais urbanísticos da ZEP 3 e UEPs, o que nos motiva a pensar sobre a memória e reconhecimento dessa área pelas pessoas, sejam elas moradoras do bairro ou da cidade.

Com sua possibilidade de existência e permanência em meios tanto tangíveis, quanto intangíveis, como o virtual, podemos pensar na imagem como uma forma de ancorar memórias, de fazer perdurar. O lugar pode ser fisicamente transformado, esvaziado, desabitado, mas a memória do mesmo pode caminhar, se imbricar em outras quando existe um meio para ativá-las.

Ao estudar obras que tratam de imagens (SAMAIN, 2012; WARBURG, 2020, 2021; DIDI-HUBERMAN, 2011; 2013; OLIVEIRA, 2018) abriram-se possibilidades para conduzir um olhar sobre as imagens de Bebedouro. Em trabalhos como do Atlas Mnemosyne<sup>5</sup> (1924-1929) de Aby Warburg (1866-1929), podemos observar o potencial de construir leituras sobre a história a partir das imagens. O atlas (THE WARBURG INSTITUTE, 2020) se constitui como uma leitura visual que se coloca aberta ao encontro de diferenças e similaridades que podem ser interpretadas nas montagens anacrônicas intercaladas por fundos pretos. Levam nosso olhar ao(s) passado(s) e presente(s) de maneira a (re)conhecer ou tornar visíveis outros significados e lacunas presentes na contemporaneidade. E assim, construir possibilidades de ler além de sua sobrevivência (*Nachleben*), perceber *supervivências* quando colidimos e/ou movimentamos imagens de diferentes tempos e/ou conteúdos.

Como um texto, que carrega as formas de pensar e os desejos de comunicação do autor, as imagens também podem ser lidas, pois a percepção visual é, ela própria, um ato de representação. Ela descreve através do traço. Da mesma maneira, a palavra e a pintura, enquanto imagens, códigos, carregam um caráter subjetivo que participam da interpretação do próprio autor. Nesse sentido, mesmo guardando suas especificidades, a leitura desses registros compartilha uma subjetividade reconhecida no texto escrito e no desenhado, que resulta na criação de um outro universo informativo (...) (OLIVEIRA, 2018, p. 86).

Como dito acima, olhar para uma imagem e estudar seus conteúdos é um movimento de interpretação, uma tentativa de leitura que tensiona subjetividades de quem produz e de quem lê. Em muitos casos, essa tensão inclui aquele que solicita a imagem... Nesse sentido, pensando com a imagem podemos entender sobre modos de construir e habitar o urbano e suas relações com as particularidades dos meios pelos quais elas são veiculadas – que envolve o acesso, sua produção, apreensão, entre outros. A partir dessas relações, rastros de significados, permanências e impermanências, que permeiam a percepção do espaço urbano, podem emergir da leitura quando possibilitamos a associação com outras imagens ou textos. Essa possibilidade de movimento nos permite compreender como tais registros carregam intenções e vivências de um sujeito ou grupo de determinado período e continuamente ressignificam e/ou desconstróem memórias de outros tempos. Desse modo, interessa aqui, sem pretender esgotar interpretações (DIDI-HUBERMAN, 2013)<sup>6</sup>, perceber a polissemia da fissura quando olhamos para imagens do bairro de Bebedouro.

Na introdução do livro *Mil Platôs - Capitalismo e esquizofrenia*, os autores (DELEUZE; GUATTARI, 1995) apresentam, entre outros conteúdos, conceitos e princípios do *rizoma*. Podemos citar alguns como o da *conexão e heterogeneidade*, em que entende

5 “(...) um conjunto de imagens que reproduziam fragmentos de pinturas, textos, documentos, livros, cartografias, genealogias e recortes de jornal. Dispostos lado a lado em painéis de madeira de 2m x 1,5m e fixados de maneira sempre provisória por meio de pinças metálicas, os fragmentos eram facilmente deslocáveis, possibilitando a incessante busca por novos arranjos. O registro fotográfico das configurações parciais que hoje permite analisar as variações dos painéis, era também um meio para expô-los em aulas ministradas por Warburg, por meio de projeções de slides” (BARRETO, 2021, p. 48).

6 “Reler o mundo: vincular de modo diferente os pedaços díspares, redistribuir a sua disseminação, um modo de a orientar e de a interpretar, é certo, mas também de a respeitar, de a remontar sem pretender resumi-la nem esgotá-la” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 19-20).

tal estrutura como constituída de conexões entre suas linhas de forma heterogênea, descentrada; o *princípio da multiplicidade*, em que o rizoma se constitui por dimensões com direções movediças, que se entrelaçam, se modificam e tornam difusas relações entre sujeitos e objetos; o *princípio da ruptura*, em que a ruptura de determinada linha(s) do rizoma não se constituirá na destruição dele. Outras estratificações, significações, territorializações, organizações podem ser (re)criadas a partir de suas interrupções; e o *princípio da cartografia e decalcomania*, em que o rizoma é mapa e não decalque, o que os remete a cartografia: na construção de um mapa que é aberto, conectável, adaptável a montagens, modificações, rasgos, com múltiplas formas de se fazer visível e lido. A partir desta leitura, podemos pensar sobre patrimônio como uma multiplicidade, com processos que correm em diversas direções, uma vez que se interrelacionam ao arranjo urbano da cidade – um grande e complexo sistema que comporta o cruzamento de inúmeros outros<sup>7</sup>.

Neste processo de cruzamento que envolve Bebedouro, alguns questionamentos surgem: Como olhar para um processo que acontece intensamente no presente? Como estudar pelo meio? Como pesquisar a partir de suas imagens? De que forma abordar? Palavras soltas foram colocadas no papel: subsidência, Braskem, demolições, tragédia ambiental, registros, ruptura, interrupção, afundamento, tempo, fragmentos, patrimônio, rastros, vazios, silêncios, pessoas, memórias, fissuras... Motivada pelas leituras sobre rizoma, este último termo foi destacado, pensando como o mesmo abriga uma multiplicidade semântica, tanto em sentidos figurados como também em sentidos literais<sup>8</sup>.

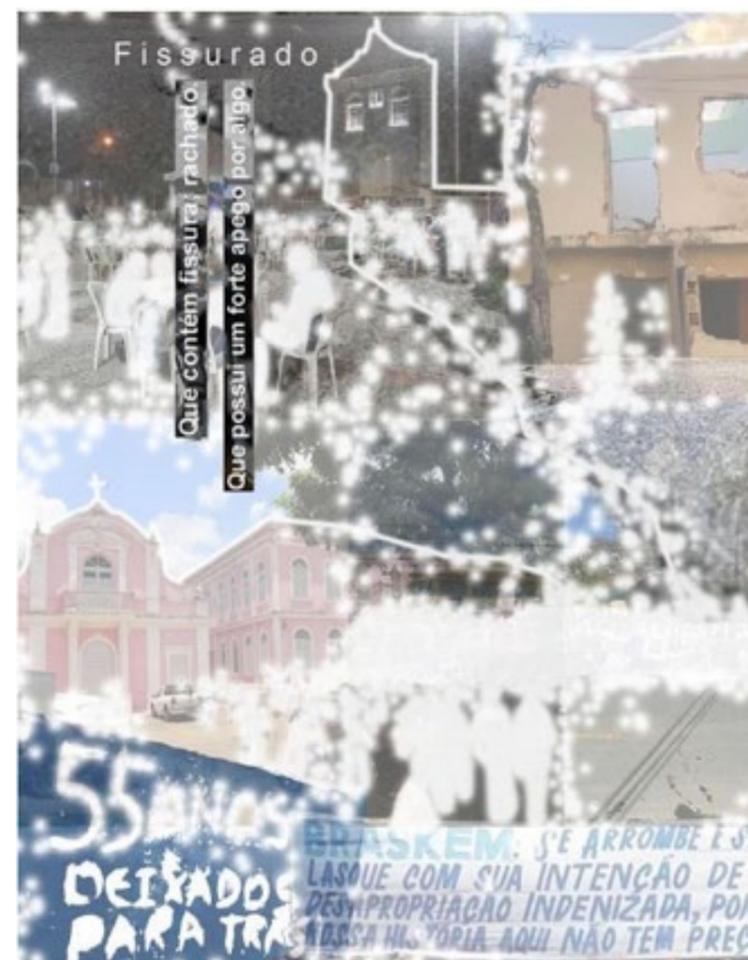
De acordo com o entendimento abaixo, que faz analogia à produção de cartas náuticas, adotou-se neste trabalho, a cartografia como uma posição metodológica, em que movimenta e engaja a arquiteta pesquisadora à experiência de adentrar em dinâmicas enquanto ocorrem. Neste caso, requer uma atenção ao inesperado para desvendar e narrar linhas de expressão em relação ao que se pesquisa. Em acordo com Deleuze e Guattari (1995) a cartografia, como um dos princípios do rizoma, se distancia mais da ideia de representação e se aproxima mais da noção da produção crítica e visibilização de realidades e problematizações:

Cartografar é mapear por cartas. Inscrever cartas como as náuticas que são traçadas enquanto se navega, mudando de direção, mareando, narrando tudo que é preciso para se navegar, desde uma mudança de ventos até o relevo aquático mais ínfimo (ROCHA *et al*, 2017, p. 150).

Na cartografia apresentada na figura 2, a ideia foi pensar em sentidos distintos, com o intuito de discutir como eles estão presentes no bairro, considerando a complexidade do agravamento da mineração na região para o local. Utilizou-se o termo no participio e no masculino (*fissurado*) remetendo as fissuras observadas no bairro: em sentido literal, nas edificações e ruas; e figurativamente, atribuiu-se o sentido de uma ruptura

<sup>7</sup> “O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1). (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

<sup>8</sup> Como parte de um exercício da disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (PPGAU/UFAL) *Cidades e suas representações*, conduzida pela professora Dra. Juliana Dias Michaello, foi proposto aos alunos o desenvolvimento de uma cartografia (baseada em leituras sobre o rizoma (introdução de *Mil platôs*) e cartografia (*Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*), com o intuito de movimentar ideias sobre o desenvolvimento de trabalhos de dissertações, teses ou planos de pesquisa.



nas dinâmicas do espaço urbano e também ao sentido *da fissura por algo*, remetendo aos vínculos afetivos (positivos e/ou negativos) das pessoas com o bairro. Como exposto anteriormente, o princípio da ruptura do rizoma não expressa a sua destruição, mas a possibilidade que ele tem de se (re)criar, se fazer visível, de dar visibilidade a memórias através de suas fissuras. Dessa forma, buscou-se trazer uma reflexão sobre como diversos sentidos da fissura se fazem presentes nessa pesquisa de maneira não necessariamente dicotômicas.

Em virtude dos conteúdos apresentados, vê-se coerência e pertinência em reconhecer a multiplicidade semântica do termo fissura em relação às consequências da mineração no bairro de Bebedouro utilizando-se de estudos imagéticos que tensionam sua dimensão histórica e socioambiental. Assim, foram explorados registros imagéticos do bairro com o intuito de tratar concepções e referenciais que o consolidaram como um conjunto delimitado como patrimônio na cidade, bem como narrativas atuais que são profundamente atravessadas por memórias que transbordam seus enquadramentos oficiais. Trata-se de um percurso por concepções e imagens de um dos primeiros assentamentos urbanos da cidade que vem passando por uma intensa degradação.

A partir dos recortes imagéticos estudados e produzidos, compreende-se o patrimônio de Bebedouro atravessado e composto por acúmulos de fissuras literais e figuradas – resultados de dinâmicas urbanas ao longo do tempo que se imbricam em sintomas, vínculos e tensões. A exploração da polissemia da *fissura* se construiu a partir da interpretação em três noções: a) Em um sentido literal, consiste em uma pequena abertura que se manifesta em determinadas superfícies como um mecanismo para alívio das tensões, compreendida como um sintoma de determinado problema em

Figura 2 - Cartografia realizada na disciplina Cidades e suas representações. Fonte: Patrícia Vieira, 2020.

determinado componente de uma edificação. Pode caracterizar problemas menores ou maiores como princípios de rachaduras (FERREIRA, 2020); b) A segunda, em sentido figurado, em que se interpretou como uma desestruturação de um vínculo com o espaço; c) E a terceira, também em sentido figurado, como uma expressão de tensão que remete aos vínculos afetivos com determinado objeto/espaço.

A seguir serão apresentados os recortes e condutas metodológicas seguidas para suas construções. Como o trabalho se baseia em uma dissertação, serão realizadas sínteses em virtude das limitações do formato deste artigo, o qual se detém, portanto, às discussões sobre a polissemia da fissura enquanto reverberação do desabitado de grande parte dos moradores do bairro de Bebedouro.

### Sobre os recortes imagéticos

Como maneira de explorar imagens que falam sobre Bebedouro, buscou-se apreendê-las de fontes e temporalidades distintas como forma de perceber a partir desses fragmentos, as fissuras que se acumulam e/ou se sobrepõem, que nos contam sobre relações do habitar e desabitado do bairro ao longo do tempo. Parte-se do pressuposto de que a cartografia enquanto acompanhamento de processos não exclui a associação com outras condutas metodológicas. Nesse sentido, para a construção e exploração dos recortes foi utilizado a revisão documental, observação empírica e análise de conteúdo.

#### Primeiro recorte

Inicialmente foram coletados os *primeiros registros imagéticos do bairro*, que se constituem de cartões-postais e fotografias presentes em produções que tratam da historiografia da cidade – as referências estudadas se caracterizam por serem bastante acessadas quando se busca compreender e/ou questionar sobre a cidade em seu início. As fotografias antigas coletadas em sua grande parte não apresentam autoria identificada e as que apresentam tem como autoria os fotógrafos Gabriel Jatubá e Luiz Lavenère. A revisão e análise documental foi a conduta adotada para delinear esse primeiro recorte.

Em Maceió, a primeira série de cartões-postais é circulada ao público no ano de 1903, um ano após a publicação do *Indicador Geral do Estado de Alagoas*, em 1902. Este dado se torna relevante, segundo Campello (2009), quando se compreende que o indicador foi uma obra destinada à comercialização ao público e que apresentava a divulgação de uma certa imagem da cidade. As fotografias, de autoria do fotógrafo Gabriel Jatubá, contidas no livro foram utilizadas nas primeiras séries postais da cidade; e os editores das primeiras séries são também editores do indicador – M. J. Ramalho e Antônio M. Murta.

Nesse sentido, Campello (2009) nos sugere que o Indicador e os cartões-postais constituem partes de um mesmo projeto de divulgação de uma imagem da cidade, em que o segundo, pelo seu custo mais acessível, poderia alcançar um público mais amplo. Seria um segundo empreendimento editorial pensado para popularizar uma imagem, ainda restrita do Indicador, que abrange significados que a expressão *torrão natal* pode incorporar – como o progresso intelectual, material aliada a uma afetividade da tradição. Tais informações se fazem relevantes para ressaltarmos, pois os cartões-postais que apresentam paisagens do bairro (na época ainda considerado um arrabalde) de Bebedouro contemplam atmosferas que contrastam com os enquadramentos e conteúdos do bairro do Centro, área com maior recorrência de aparições nas séries e com maior quantidade de equipamentos e estrutura urbana. Contudo, as imagens

que referenciam os bucólicos arrabaldes como o de Bebedouro se alinham a uma expressão afetiva sobre a cidade, que acolhe e intenta mostrar, não só os notáveis edifícios do Centro, mas também a simplicidade e singularidade de paisagens locais que as elites da cidade costumavam habitar e frequentar em temporadas festivas e de veraneio entre os séculos XIX e XX.

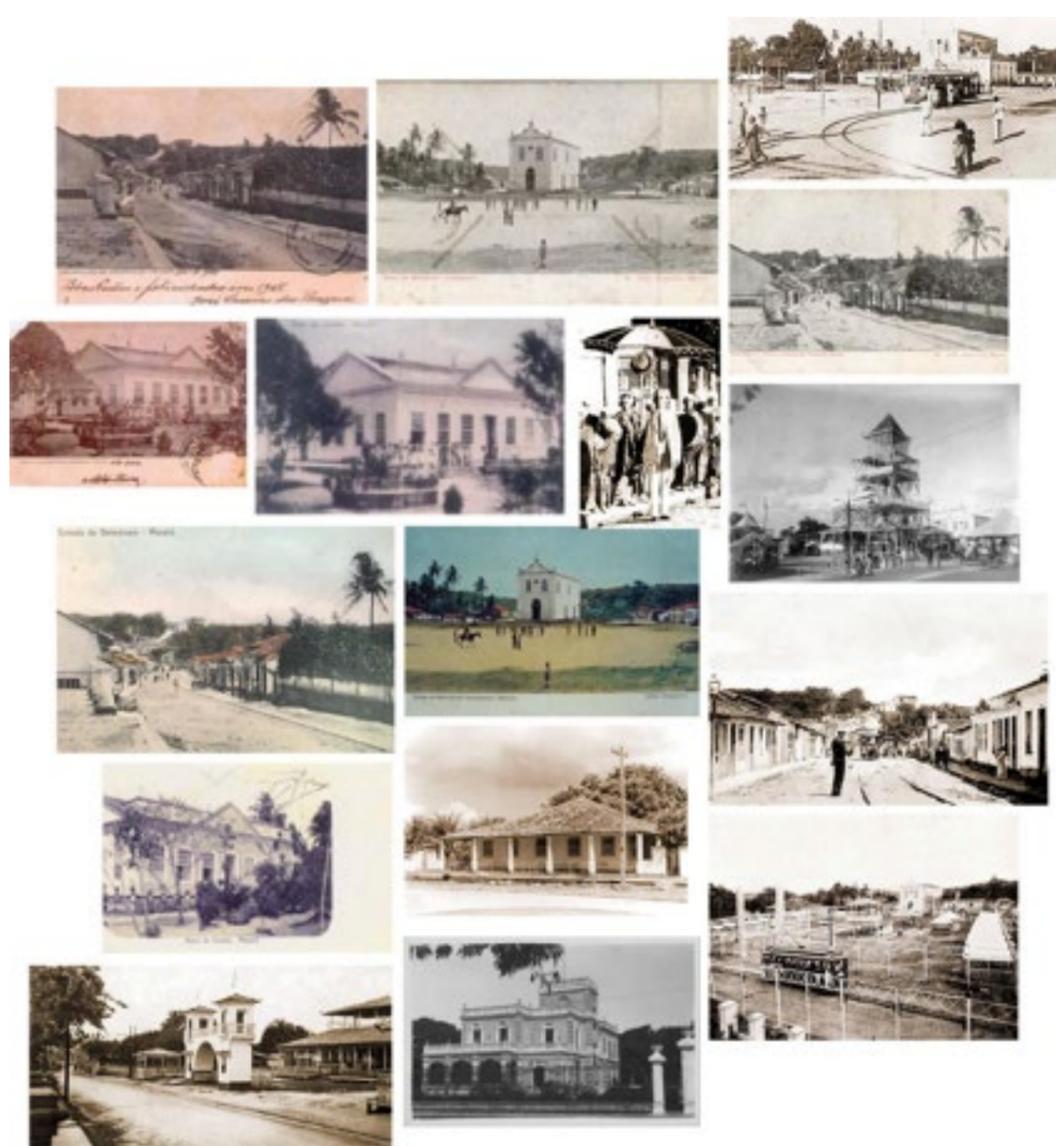
Compreendendo “(...) a paisagem como fenômeno social, percebido e operado pela sociedade” (MENESES, 2002, p.35) os cartões-postais atuam na divulgação das mesmas e, assim como diversas formas de representação, carregam intenções, filtram realidades, produzem e expressam imaginários (LAMOUNIER, 2017). Nesse sentido, estes meios apresentam a capacidade de atribuir (CAMPELLO, 2009) e talvez até engessar um certo aspecto da memória urbana de uma cidade a partir do reforço e impregnação de determinada paisagem ou aspecto da mesma, dentro da dinâmica de funcionamento desse meio de representação. Com isso dito, interpreta-se que muitas das referências arquitetônicas e urbanísticas de Bebedouro, enquadradas pelos cartões-postais, marcam a sua paisagem até hoje. Nesse sentido, considerando o contínuo rearranjo do espaço urbano, permanências tangíveis (arquitetônicas e urbanísticas), bem como a persistência de algumas relações intangíveis com os espaços, nos permitem compreender a influência das imagens construídas pelos cartões postais.

“(...) da cidade que se oferece ao olhar como um todo, os *fotógrafos* capturam a sua. Da cidade dos fotógrafos, os *editores* propõem um olhar ao público. Desta última, o *público* consolida a construção dos marcos paisagísticos da cidade, finalmente plasmados nos cartões-postais” (CAMPELLO, 2009, p. 159, grifo nosso).

Como citado acima, os cartões-postais não se constituem necessariamente como um produto com apenas um ponto de vista, mas sim como um processo que trata e dilui três grupos de olhares. Estes se constituem como filtros que adicionam ou reduzem camadas de elementos e significados às imagens. Sobre a atuação dos fotógrafos, estes são os primeiros a ter um contato com a urbe. Nesse momento, já vão se construindo direcionamentos de olhar a partir dos enquadramentos, elementos em destaque, a luz, nos distanciamentos e aproximações, na presença de pessoas ou não, entre outros. Na editoração tem-se outra camada de interferência que consiste da filtragem das fotografias para compor uma série postal, em que se constrói um percurso de lugares, uma narrativa de significados que traduzem uma imagem de cidade. Por fim, e não menos importante, um público consolida e participa dessa construção quando faz a sua seleção durante a aquisição, quando deposita significados e os compartilha como correspondência ou os guarda ressignificando ao longo do tempo.

Esta busca em olhar para as primeiras imagens de Bebedouro (cartões-postais e fotografias antigas) partiu da percepção da recorrência de dados históricos sobre o bairro (textos, arquivos públicos e referências orais de moradores e frequentadores de longa data) que referenciam os tempos que os cartões-postais e fotografias estudados situam. Tais imagens (figura 3) marcam os principais referenciais paisagísticos que ainda sobrevivem e situam a imagem do bairro como registro que evidencia fragmentos da memória urbana de Maceió.

A seguir, será apresentado o segundo recorte imagético: os registros de um Bebedouro em subsidência, atualmente com suas paisagens dos cartões-postais degradadas e desabitadas.



### Segundo Recorte

Uma pesquisa cartográfica se constrói pelo acompanhamento de processos e não apenas pela representação (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 53) ou caracterização de determinado objeto. Dados não são apenas coletados, mas também produzidos à medida que vão sendo construídos os caminhos que evidenciam expressões no qual o objeto se encontra conectado. Nesse sentido, esse aspecto reverso<sup>9</sup> do método cartográfico motivou também o olhar para os rastros, que continuamente compõem imagens que demonstram na superfície as consequências recentes da mineração sobre o bairro.

“Qualquer sinal que fica quando algo passa” (RASTRO, 2022) seria uma das definições que se pode encontrar sobre rastro em dicionários. Articulado a outras referências o rastro pode ser entendido como um signo excepcional em relação a outros, pois não é criado, mas deixado ou esquecido (GAGNEBIN, 2006, p. 113), ele “(...) significa fora de toda intenção de significar” (LEVINAS, 1993, p. 75). É marcado por uma fragilidade quanto a sua existência material, em que se materializa de uma decomposição ou se projeta na mesma, podendo, assim, nos fazer olhar tanto para o que se desvinculou de sua constituição anterior, quanto para o que ficou.

<sup>9</sup> Segundo Alvarez e Passos (2009, p. 137) “(...) o caminho vai se fazendo no processo, indicando essa reversão metodológica que a cartografia exige (hodós-metá)”. Compreende-se aqui que o engajamento do pesquisador e percurso de pesquisa está sempre em construção.

O rastro, como uma superfície que sobra, que exprime dinâmicas ausentes de um todo, uma multiplicidade. E por essas superfícies, esse recorte se desenha. A arquiteta pesquisadora se coloca no campo e os atravessa enquanto os interpreta na produção de registros fotográficos – a partir de uma exploração pelo registro edificado nos tempos recentes. Desse modo, a observação empírica foi adotada e se configurou da realização de derivas – compreendendo aqui como um deslocar-se sem um rumo específico, que não necessita de um empurrar ou de uma direção preestabelecida (CARERI, 2017), de maneira a manter uma atenção receptiva aos diversos estímulos e imprevisibilidades presentes no espaço edificado. Apesar dessa liberdade, entendemos que esse deslocar-se sem rumo requer uma atenção receptiva e consciente sobre nossos movimentos e interação com o urbano, sobre o que e o porquê um caminho ou determinado enquadramento nos atrai, nos repele, nos faz pensar, lembrar. Dessa forma, o registro fotográfico e textual foram procedimentos que incrementaram a observação e que possibilitaram a produção de reflexões a posteriori pela rememoração da experiência.

Ao penetrarmos em determinados locais da cidade, sentimos que sua ambiência se funde conosco: corpo e espaço entram em consonância, construindo a realidade espacial que nos circunda e é com esse corpo alargado pelo campo perceptivo que tocamos e sentimos o que está além das demarcações físicas imediatas, *construímos sentimentos que são os nossos mas são também os do lugar que nos envolve*. Trata-se da base por meio da qual nos situamos no mundo e atribuímos sentidos, significados e afetos ao espaço por onde circulamos (DUARTE, 2015, p. 74, grifo nosso).

O diálogo com fundamentos teóricos sobre as *ambiências/atmosferas*<sup>10</sup> aproximadas às noções de imagem de uma cidade trazidas por Lynch (1960), foi importante para a busca de formas de registrar e perceber a coexistência do espaço físico e os outros sentidos que o constroem. Esse conjunto que nos referimos como *ambiência/atmosfera* se constitui por um campo difuso e penetrante (*pervasive field*), isto é, em que não há uma delimitação precisa (THIBAUD, 2015; LAMOUNIER, 2017), visto que relaciona níveis muito variáveis de memórias e afetividades de uma diversidade de sujeitos – moradores, frequentadores e/ou visitantes de curta ou longa data – com o local, a relação de elementos intangíveis e tangíveis, impregnação de concepções coletivas, oficiais e/ou dominantes sobre determinado local. Em seu livro *A imagem da cidade*, Lynch sintetiza sobre os elementos físicos da forma que compreendem uma imagem da cidade e que nos possibilita interpretar uma aproximação da noção de ambiência/atmosfera:

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com os outros num mesmo palco. Na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não

<sup>10</sup> De acordo com Lamounier (2017), existe uma certa confusão com a tradução literal feita do termo *ambiance*, utilizado pelo autor Jean-Paul Thibaud (2015) em estudos sobre atmosferas urbanas. Tal tradução literal na língua portuguesa, não evoca tão claramente e intuitivamente o aspecto difuso e intangível do termo em francês. Além disso, a tradução ambiência acaba por remeter às definições utilizadas em linguagens mais técnicas associadas a aspectos tangíveis e concretos do campo projetual. Entretanto, há textos que trazem o termo ambiência com os sentidos propostos por Thibaud, como nos textos aqui citados de Duarte (2015) e Duarte e Pinheiro (2013). Dessa maneira, foi adotado aqui a utilização dos termos em conjunto, com exceção das citações diretas das autoras citadas anteriormente.

é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles (LYNCH, 1960, p. 12).

Os elementos ressaltados pela análise do autor se constituem por vias (*paths*), limites (*edges*), bairros (*districts*), cruzamentos (*nodes*) e pontos marcantes (*landmarks*). As vias seriam os caminhos que permitem a circulação das pessoas pela cidade (LYNCH, 1960). Em sua interpretação sobre a análise visual de Lynch, Panerai (2014) utiliza o termo *percurso*. Esse termo nos parece pertinente, quando olhamos suas definições mais simples, em dicionários. Supõe uma via habitada, que se percorre ou que se tem como rota. Seja cotidianamente ou raramente, parece incluir uma noção de temporalidade em que determinados percursos podem se consolidar ou se desfazer ao longo das transformações na cidade; Os *limites* são interrupções de uma continuidade em que podem marcar visualmente o término de determinada área, permitir ou não uma permeabilidade entre partes; Os *bairros* se constituem por uma região de médio ou grande porte delimitados oficialmente a partir de características que conferem algum tipo de reconhecimento social, unidade ou limite em comum na cidade; Os cruzamentos são interpretados por Panerai (2014) como *pontos nodais* ou *núcleos*. Essa interpretação se aproxima mais do termo original e aqui se faz pertinente pois se relaciona mais à compreensão dos *nós* dentro de um bairro, em que podem se constituir como uma influência significativa dentro dele; E por último os *pontos marcantes*, em que se constituem como referências a nossa vista, externas. Podem marcar e direcionar a um percurso, indicar um núcleo de bairro, estando a grandes ou pequenas distâncias do observador.

A construção deste recorte levou em consideração a percepção de tais elementos, contudo transbordou em alguns aspectos, pois o autor deixa claro que alguns fatores, não considerados em sua análise, como o "(...) significado social de uma área, a sua função, a sua história, ou, até o seu nome" (LYNCH, 1960, p. 57) também se incorporam e influenciam na apreensão da imagem da cidade. Desse modo, a rememoração a posteriori de sentidos outros além do visual se deu a partir dos registros fotográficos *in loco* e dos relatos escritos produzidos logo após as derivas – entendendo a imagem como uma forma disparadora de pensamentos e reflexões que traz e tensiona relações do corpo no espaço a partir de seus conteúdos e enquadramentos.

Durante as derivas no bairro, foram produzidas 56 fotografias na primeira, 98 fotografias na segunda e 89 fotografias na terceira. Os pontos marcantes, que podem se constituir não só por um, mas por uma composição de elementos que referenciam o bairro, foram um dos elementos que auxiliaram a leitura e a rememoração dos conteúdos percebidos na experiência em campo. Essa primeira catalogação influenciou no primeiro olhar sobre as imagens e rememoração para a escrita dos relatos sobre as derivas. Na figura 4 temos um pouco dos registros fotográficos que foram produzidos.

A experiência nos requer afeto. Este não é apenas entendido por uma construção atribuída ao *Outro*<sup>11</sup> em um sentido positivo, mas também por aquilo que nos marca tanto positivamente quanto negativamente, que pode ser imposto aos nossos corpos (TRINDADE, 2014), e que pode nos trazer efeitos diversos como angústias, medos etc. Nesse sentido, a subjetividade e sensibilidade foram inerentes às derivas pelo bairro. A construção de afetos da pesquisadora com o espaço – um cenário difícil de se ver e não se sensibilizar pelo *Outro* que uma vez habitou aquele local ou possibilitou um

11 Duarte em sua reflexão sobre empatia espacial traz a noção do *Outro* não apenas como o indivíduo, mas também o próprio espaço: "O espaço como construção simbólica é o *Outro* na medida em que, através de suas materialidades, de suas leis e de seus rituais, se interpõe no drama íntimo e familiar dos indivíduos, ligando-os ao grande teatro da coletividade (UGLIONE, 2008 *apud* DUARTE, 2015, p. 5).



habitar – permitiram também a interpretação dos rastros materiais, como capazes de comunicar vínculos de seus moradores e/ou frequentadores do bairro.

Como dito, relatos foram produzidos a partir da experiência das derivas e da rememoração a partir dos registros produzidos. Abaixo temos um trecho da primeira deriva:

*Bebedouro, Maceió 19 de dezembro de 2020 - 9h30 às 11:20*

*A deriva, realizada a pé e em conjunto com mais outros três colegas do mestrado (Karina, Arlindo e Manuela), teve início na Praça Coronel Lucena Maranhão, núcleo de assentamento do bairro de Bebedouro. Neste núcleo estão edificações importantes para a expansão e atratividade do bairro como a Igreja de Santo Antônio de Pádua, que já vimos em sua forma mais primária em um dos cartões postais estudados no primeiro capítulo. A igreja marca a imagem que tenho de Bebedouro, vejo como a porta de entrada da frente do bairro. Aparece em grande parte das fotografias do bairro do século XIX e XX, seja como um ponto marcante na paisagem ou como um elemento de fundo, um abrigo para movimentos, estrutura para festas e encontros ao longo da história do bairro.*

*(...) desde a primeira vez que conheci o bairro me inquietava porque o mesmo, pelo menos em sua área principal, se colocava de costas para a Lagoa Mundaú, um corpo d'água tão bonito, águas tão próximas e distantes ao mesmo tempo. Ao estudar um pouco para buscar entender motivações, compreendi a influência de teorias urbanísticas da época com o higienismo (...).*

Figura 4 - Alguns dos registros realizados nas derivas (entre 2020 e 2022) pelo bairro. Fonte: Patrícia Vieira, 2020.

Para chegar ao bairro entrei pelo percurso que conhecia, para observar do alto a Lagoa no horizonte e por ter interesse em ver como estavam as edificações da Ladeira do Calmon (nos mapas Rua Dr. Passos de Miranda). Casas se esvaziando, trânsito com caminhões e trabalhadores da Braskem na rua, a vista da Lagoa muito marcante com a edificação do antigo Colégio Bom Conselho aparecendo à medida que descíamos.

(...) Observando os elementos presentes na Praça da Igreja Santo Antônio, temos a mesma implantada, a praça logo a frente e os percursos que a envolvem, reminiscências de seu tecido inicial; Este tecido também é composto de quadras que voltam suas fachadas para a mesma com lotes de casarios geminados sem recuos à esquerda (referencial olhando para a frente da igreja). E, à direita, uma casa com aspectos coloniais da família Nunes Leite, diferente de todas as edificações em volta, com implantação descolada de seus limites, ao lado de uma edificação esquina, que era um colégio, implantada no limite do terreno com aspectos mais modernos. Na quadra em frente à fachada lateral direita da igreja vemos lotes de casas também geminados, já com fachadas reformadas ou com aspectos menos antigos. Eram casas que realmente eram habitadas em tempos mais recentes, ao contrário dos casarões mencionados, que já eram imóveis vazios há anos, vazios (já) históricos. Adentramos em algumas dessas casas. Foram as primeiras que entrei. A sensação de entrar em um vazio recente, uma vez privado, sem convite pra entrar, era estranha. Estava acompanhada de alguns colegas de mestrado e por isso sentia uma segurança maior.

Olhava para dentro de uma das primeiras casas (não consegui lembrar se era a primeira ou segunda que entrei), com todas as suas esquadrias e tudo que pudesse ser arrancado, até o teto com seu forro de gesso estraçalhado. Enquanto fazia registros ali pensava o quão frustrante pode ter sido o processo de ser realocado. Não foi uma “simples” mudança, em que geralmente se deixa o habitar em um estado habitável para outro dono construir sua vida ali, mas sim uma mudança, quase literalmente de um dia para o outro, em que não foi preciso apagar ou amenizar os rastros de quem saiu. O que evidencia aos meus olhos, intencionalmente ou não-intencionalmente, como seus escombros contam sobre o peso de assinar para a destruição de um lar, assim como sobre a descontinuidade das relações ancoradas pelo espaço à sua volta. E assim conseguir a possibilidade de ter uma compensação financeira para tentar se (re)construir em outro espaço (...).

Em dezembro de 2020, tudo estava diferente. Rastros e silêncios alternados com casas ainda habitadas – ao entrar nos escombros das casas, seguranças da Braskem nos alertaram para nossa segurança e avisaram que nelas estavam sendo instalados alarmes para que ninguém permanecesse. O mercado de Bebedouro também foi outro ponto observado naquela dinâmica. Ainda aberto, apresentava um escasso movimento de pessoas. Uma vez que o mesmo se sustentava de forma local em que atraía os moradores próximos, o aumento gradativo da área de realocação de partes do bairro nos mapas de danos influenciou na redução acentuada de seu movimento. Além disso, a linha que passava o VLT foi interrompida nos trechos do Mutange e Bebedouro em março de 2020 pela CBTU, visto os riscos quanto à instabilidade do solo. O silêncio dos movimentos de pessoas, de carros, do som do VLT anunciando sua chegada, a ausência de olhos cotidianos da rua interrompe a continuidade e movimentos da vida urbana, em que se constrói dessa relação entre o público e o privado, o tangível e o intangível.

Retorna-se a compreensão de que as fissuras podem ser interpretadas a partir das particularidades das formas de veiculação, dos tempos e sujeitos que produzem as imagens, buscou-se em seguida, para a construção do último recorte imagético, perceber as expressões e relações produzidas em um outro meio: o virtual, através da rede social do Instagram.

### Terceiro Recorte

Como uma prótese do nosso corpo, as interfaces virtuais compõem cada vez mais os nossos cotidianos. Em intensidades distintas trabalhamos, interagimos com o *Outro*, nos manifestamos sobre nossas realidades e afetos, compartilhamos e experimentamos mundos distantes e/ou debaixo de nossos pés por imagens e palavras advindas de diversos pontos de vistas e sujeitos dentro de espaços virtuais (*ciberespaço*<sup>12</sup>). Nesse sentido, as fronteiras entre as realidades materiais e virtuais, ou melhor, entre o *on-line* e *off-line* se diluem, estão borradas.

A escolha em explorar as imagens do e no *Instagram* se deu inicialmente pelas circunstâncias da pandemia, que influenciaram na redução das possibilidades de aproximações com as pessoas em 2020. Esta rede se constitui como um grande banco de dados, em que a imagem se destaca como um dos aspectos estruturadores de sua interface – esteticamente construída e reconstruída a cada instante por diversos fragmentos imagéticos e textuais advindos de processos de publicações e interações contínuas em um “(...) scroll vertical infinito, na tela do usuário do aplicativo” (PRATA, 2016, p. 6). Essa disposição parte também da interpretação desse dispositivo de produção de imagens como sendo capaz de reforçar visibilidades, e/ou talvez, dar dizibilidade a narrativas esmaecidas no espaço urbano. Percebendo o *Instagram* como um aplicativo que permite a produção contínua de linguagem imagética (fotográfica, gráfica, audiovisual), observamos conteúdos infinitamente diversos. Habitamos nesse imenso e fragmentado espaço virtual que permite a construção de narrativas e percepções sobre tudo à nossa volta.

Nesse sentido, com tal dispositivo, criamos registros de cidade e cotidiano, das relações com o/no meio urbano que queremos mostrar, acrescentamos e produzimos assim dados sobre a própria memória da cidade ou parte dela. Construindo, desconstruindo, visualizando narrativas, produzimos cada vez mais camadas fragmentadas da imaterialidade, que atravessam qualquer espaço urbano – enquanto produto de uma sociedade. Proporcionamos visibilidades “(..) ao cotidiano, ao ordinário (...)” (PRATA, 2016, p. 3) e também ao atípico, ao que nos choca. O que nos afeta.

Apesar do aplicativo atualmente conter a opção de visualização cronológica das publicações, o *feed* dele é aberto, por padrão, sob o ordenamento dos algoritmos de relevância. Desse modo, as publicações expostas aparecem em determinada ordem de acordo com a “(...) interação do usuário e de suas escolhas, seus atalhos, buscas, nomeações e apropriações algorítmicas, como definição do uso do pin georreferenciador e a escolha das *hashtags* (palavras-chaves)” (PRATA, 2016, p. 17). Nesse sentido, esse grande banco de dados, não se apresenta da mesma maneira para todos, o que nos leva a infinitas camadas de leituras e interatividade entre usuários sobre determinado conteúdo.

Em *Como pensam as imagens*, Samain (2012) as mostra como portadoras de intenções de quem as produziu, de concepções coletivas e/ou abertas à incorporação e interpretação de quem as observa. Também as trata como formas que pensam e que comunicam, através e/ou independente de nós. Com isso dito, a ampla e fragmentada diversidade de agrupamentos e produções imagéticas que não se configuram da mesma maneira para nós na rede, nos remete a uma das discussões do autor em que

12 Lévy (1999) define *ciberespaço* como rede, no sentido de um meio de comunicação que surge da interconexão entre computadores e outros dispositivos: “Como outros meios de comunicação, o ciberespaço deve ser concebido não apenas como uma infraestrutura material ou suporte tecnológico, mas como um conjunto de informações e de usuários que habitam esse espaço e o alimentam de informações” (LÉVY, 1999, p. 14).

nos desloca a pensar além. Na imagem como um conteúdo diverso e fragmentado e não como uma síntese homogênea de uma cultura ou pensamento:

Toda imagem é portadora do pensamento de seu autor e principalmente da cultura. Essa é uma afirmação tão óbvia quanto insuficiente, porque ofusca um universo de presenças descontínuas – e, portanto, também de lacunas – que compõem a imagem. Tendemos a idealizar a imagem como síntese homogênea de uma cultura, assim como idealizamos a cultura como lugar de trânsito pacífico de tradições e valores. E pretendemos fazer do pensamento da imagem algo já resolvido em sua origem, que apenas precisa ser resgatado pelo olhar atento e pelo método. Mesmo quando tentamos ‘flexibilizar’ nossa acepção de ‘pensamento’ para além da linearidade da linguagem verbal, esperamos da imagem que revele uma articulação que deve apenas permanecer funcional e coesa, como um organismo cujas partes estão previamente e devidamente relacionadas (ENTLER apud SAMAIN, 2012, p. 133).

Entendendo um pouco das características que estruturam a produção imagética nesse dispositivo, em que se forma pela fragmentação de momentos, de acessos, de alcance e se diluem no fluxo contínuo da rede, partimos dessas compreensões para a construção do recorte norteado pelas seguintes questões: Como e de que lugar acessar? Que fluxos podemos percorrer, mapear?

Compreendendo que não seria necessário e nem possível coletar todos os dados imagéticos que se referiam especificamente a situação de subsidência do bairro de Bebedouro, pelo próprio funcionamento e estruturação do aplicativo, foi necessário pensar em alguns critérios para o recorte imagético. Um primeiro critério, foi a busca dentro de um universo que abrangia publicações de caráter público. Associado a isso, buscou-se explorar camadas de produções imagéticas a partir de dados algorítmicos próprios das possibilidades de navegação do dispositivo do *Instagram*. Nesse caso, foram utilizadas as palavras-chaves precedidas do símbolo #, as *hashtags*, entendendo-as como elementos organizadores e disparadores de narrativas sobre determinado evento. A escolha deste critério também se baseou na observação (figura 5) da larga presença destes metadados em publicações sobre a situação dos bairros afetados pela mineração, bem como pelas *hashtags* enquanto forma de acesso que se iniciou a partir da busca pelo nome do bairro e a quantidade de publicações. Foram escolhidas a *hashtag* #*sosbebedouro* e #*bairrodebebedouro* como segundo critério, pois, além de conter o nome do bairro em suas nomenclaturas, abrangem muitas das publicações presentes em *hashtags* com menores quantidades de publicações.

A análise de conteúdo foi o método adotado na construção deste recorte – tal método consiste em uma estruturação das mensagens (conteúdo e expressão do conteúdo) como maneira de evidenciar certos aspectos para interpretação de uma realidade ou outra além da mensagem (BARDIN, 1977). Tratar os dados significa produzir uma codificação, o que pressupõe que a interpretação já se inicia na maneira como se recorta, como se identifica as unidades de registro, categoriza e relaciona as categorizações criadas. Com isso foram extraídos os seguintes dados das publicações das *hashtags* selecionadas: a imagem (dado imagético), o título (*link* do *post*), as marcas (são as *hashtags* que aparecem em cada publicação), os comentários (é o texto da legenda) e os autores (perfil que produziu o *post*).

A categorização, um procedimento de análise comum, pode ser definida como uma operação de classificação de elementos que reúnem aspectos semelhantes e que compõem um conjunto e nos ajudam a agrupar ideias, elementos, temas, entre outros.

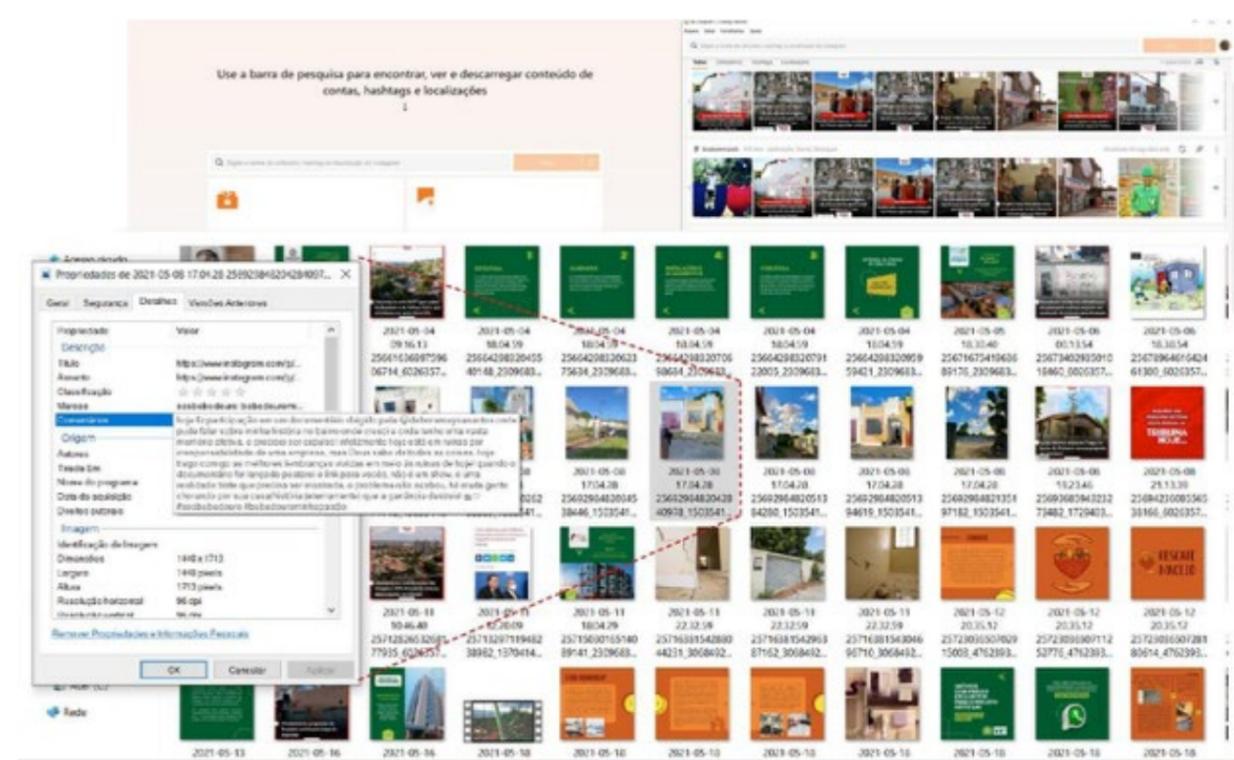


Figura 5 - Processo de acesso e download das publicações das *hashtags* selecionadas a partir do software 4k Stogram. Fonte: Patrícia Vieira, 2022.

Os critérios para a definição de categorias geralmente estão adaptados à realidade que nos é oferecida (BARDIN, 1977) ou a realidade que propomos nos aproximar. Nesse sentido, uma primeira categorização foi produzida e teve como critério o agrupamento e diferenciação dos conteúdos da *hashtag* pela localidade a que se referia (dentro os bairros afetados pela mineração). Este agrupamento foi importante, pois foi possível enumerar inicialmente a presença da especificidade dos *posts* do bairro de Bebedouro em relação aos outros bairros afetados e produzir este terceiro recorte<sup>13</sup> – que consistiu dos registros imagéticos das duas *hashtags* que apresentavam postagens específicas ao bairro de Bebedouro.

Em meio a tantas publicações buscou-se maneiras de apresentar as principais expressões e os afetos múltiplos, individuais e coletivos presentes nos dados imagéticos do recorte. Com isso, uma forma encontrada foi a montagem de uma coleção imagética, intitulada *Olhares*<sup>14</sup>, que trazem camadas de narrativas, em que predominaram dados visuais que evidenciam, a partir de partilhas sensíveis de diversos sujeitos, processos do desabitado do bairro. É composta (figura 6) de conteúdos que tensionam dados visuais e textuais dos *posts*, selecionados do recorte, como legendas (texto) e comentários – interpreta-se que estes últimos demonstram as interações carregadas de expressões afetivas (sejam positivas ou negativas) estimuladas pelas imagens também carregadas de afetividades difundidas nas publicações. O propósito não é esgotar narrativas, mas apresentar e entrelaçar olhares múltiplos.

Difundidas por diferentes e inúmeros sujeitos, em ritmos e períodos distintos, as publicações dessas *hashtags* trazem conteúdos que se relacionam às consequências da subsidência nos bairros afetados como um todo, com uma quantidade significativa de publicações que especificam mais o bairro de Bebedouro. Dessa maneira, trazem conteúdos que nos levam a compreensão de afetos, ancorados pelo urbano, que atravessam principalmente as pessoas diretamente afetadas pela mineração na região. Permitem a possibilidade de documentação e associação, em que visibiliza o acesso

<sup>13</sup> Buscou-se catalogar os dados em planilha (uma para cada ano) de maneira a conseguir aproximar em paralelo os dados sistematizados. Devido a extensão das planilhas e a dificuldade para visualização dentro do formato deste documento, ela pode ser acessada a partir deste link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/12320NUzN9bZeU-1zmYvXI50OzJr9dFD2O3IT1QAicUE/edit#gid=885452224>.

<sup>14</sup> Na íntegra no trabalho de dissertação do qual esse artigo sintetiza as principais ideias.



"Da janela onde se viu tanto o lugar onde morava, com vizinhos, casas, árvores, animais e cor, a última vista contrapôs. O horizonte que se mostrou trouxe uma nova realidade: vazio, rachaduras, destroços, entulhos, silêncios, preto e branco, ausência de vida. A visão foi decisiva: é hora de dar adeus"

a um grande agrupamento de fragmentos, a partir das mídias de comunicação e pela própria população prejudicada, que vivencia e registra imagetivamente determinados instantes e memórias. Diante dos dados coletados e interpretados, as perdas tangíveis e intangíveis que levam a uma individual e coletiva frustração, parecem ser os grandes disparadores da necessidade de não apenas vivenciar o processo, mas também de contar e documentar memórias e relações daquele espaço.

Como já dito, foram tomadas três noções sobre a *fissura*, de maneira mais geral, que já apontam uma polissemia do termo. Uma em um sentido literal e as outras duas em sentidos figurados. Pensando no bairro de Bebedouro, interpreta-se aqui que todas elas estão presentes e se entrelaçam e/ou se sobrepõem de alguma forma. A partir da diversidade imagética estudada nos três recortes, desdobramentos semânticos da fissura são percebidos, em que podem nos contar sobre os processos desse desabitar no bairro sob o ponto de vista histórico e socioambiental. A multiplicidade observada no termo em relação ao estudo nos remete a um dos princípios do rizoma, o princípio da ruptura (DELEUZE; GUATTARI, 1995), que não expressa apenas o aspecto da destruição, mas a potência que o mesmo tem de se fazer visível, de dar visibilidade, revelar afetos (positivos e negativos ou ambos). Nesse sentido, fissuras diversas estão presentes de maneiras tangíveis e/ou intangíveis, de maneiras objetivas e subjetivas nas ambiências/atmosferas do bairro. Nesse sentido, serão apresentadas, a seguir, breves discussões a partir de algumas possibilidades de interpretação das *fissuras* do bairro de Bebedouro.

### Um aviso, um sintoma

Em sentido literal, podemos compreender a *fissura* como uma abertura compreendida como uma manifestação patológica em superfícies sólidas, causando no mínimo uma perda parcial de sua uniformidade. Apresentam espessuras inferiores a 0,5 mm, conforme (THOMAZ, 1989). Apesar de suas espessuras terem tamanhos pequenos, elas podem evidenciar problemas estruturais sérios, como indicar princípios de rachaduras. Nesse sentido, podemos compreender a fissura em Bebedouro como um fato que se configura como um sintoma da ação antrópica, com diversas irregularidades, sobre

sua região. Tal sintoma, nos remete ao contexto de exploração da Braskem sobre sua área e outros bairros adjacentes (Pinheiro, Mutange, Bom Parto e parte do Farol).

O *Sal-gema*<sup>15</sup>, é uma matéria-prima que foi encontrada em regiões da cidade de Maceió entre 1941 e 1985 por acaso, quando empresa especializada em prospecção para verificação da existência de petróleo, contratada pelo Conselho Nacional de Petróleo em 1941, identificou a existência de *Sal-gema* de alta pureza em parte do subsolo da cidade. Como parte de um projeto de modernização para estímulo do desenvolvimento de Alagoas, na década de 70, foi implantada a *Salgema indústrias químicas S/A* (atual *Braskem*) no bairro Pontal da Barra. Esse empreendimento e o próprio local de implantação da empresa desencadearam um processo de descaracterização do ecossistema da área e aumento do risco de contaminação ambiental no meio que já se constituía como uma região ambientalmente frágil e de grande importância para o desenvolvimento da vida lacustre (TICIANELI, 2015; DUARTE, R., 2010).

Para além desses empreendimentos que já evidenciava uma atuação de alto risco ambiental na região mais próxima da área de implantação, é relevante mencionar que durante a época de instalação dos poços de exploração concentrados nos bairros do Pinheiro, Bebedouro e Mutange já havia alertas quanto ao processo de subsidência na cidade, como o do secretário do meio ambiente e biólogo José Geraldo Marques. Entretanto, a ocupação urbana próxima às minas continuou a se expandir, assim como a própria mineração na região ao longo das décadas de 1980 a 2010 (TNH1, 2019).

O bairro de Bebedouro integra a área diretamente processo de subsidência, que foi intensificado após chuvas intensas em fevereiro de 2018 e, dessa maneira, evidenciado à cidade pelos tremores de terra de magnitude de 2,4 na escala *Richter* no dia 3 de março de magnitude de 2,4. Como já introduzido, a visibilização e compreensão dos responsáveis pelo processo de subsidência aumentou com a publicação do relatório da *CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - Serviço Geológico do Brasil)* comprovando a responsabilidade da mineradora sobre a desestabilidade e estado de calamidade pública da região. Outros relatórios (GALINDO, 2022) também apontaram como o processo de mineração realizado de forma inadequada em conjunto com as falhas geológicas do próprio solo como agravantes da subsidência, levando ao colapso de várias minas de sal-gema da região afetada (tanto das que se localizam embaixo da Lagoa Mundaú quanto as que se localizam nas superfícies dos bairros).

Com essa histórica atuação desastrosa sobre o meio, vemos as consequências se apresentando intensamente nos últimos quatro anos: um processo de grande êxodo urbano dessa região e bairro de Bebedouro, continuamente fazendo desaparecer seus registros edificados, marcadas por antigas edificações e traçados, esvaziados e gradativamente sendo cobertos por tapumes metálicos. A fissura revelou, deu vista ao que acontecia em décadas silenciosas.

### Bairro, Bebedouro, Bem, breu

As *fissuras* de Bebedouro transbordam o sentido literal. Apesar de se manifestarem fisicamente na superfície, já estavam presentes em outras camadas de sua história, não apenas pela exploração de sal-gema ao longo de décadas. Imagens das *ambiências/*

<sup>15</sup> Conhecido também como um sal-fóssil, é uma rocha sedimentar que se forma no subsolo a cerca de mil metros da superfície e apresenta em sua composição geralmente uma grande concentração de Cloreto de Sódio (NaCl). Usado para a produção de sal de cozinha, bem como para outras produções químicas como a soda cáustica, cloro, o polímero PVC (Policloreto de Vinila), entre outros (VELEDA; ESTRELA, 2021; FREITAS, 2021).

*atmosferas* de Bebedouro começaram a se construir e se difundir desde o século XIX com a ajuda de instrumentos de veiculação de massa como os cartões-postais. Apesar de possibilitarem a visibilização de determinados enquadramentos dos tempos mais remotos do bairro, traziam algumas limitações pelo seu próprio formato fragmentário e pelas intenções de difusão de certos imaginários de cidade. Contribuíram para a construção e impregnação de determinados marcos paisagísticos, que abrangem suas edificações e áreas mais antigas, como o seu núcleo de origem.

Tais marcos ancoraram vivências múltiplas, possibilitando a construção de vínculos individuais e coletivos com o bairro. Entretanto, em alguns de seus imóveis foram implementados hospitais psiquiátricos com estruturas e serviços precários, trazendo, dessa forma, precarizações à vida dos pacientes. Segundo Ribeiro (2012, p. 61) hospitais psiquiátricos foram implantados no bairro, como a Casa de Saúde Miguel Couto inaugurada em 1961, a Casa de Repouso Dr. José Lopes de Mendonça<sup>16</sup> e a Casa de Saúde e Clínica de Repouso Ulisses Pernambucano, em 1968. Essa implantação se relacionava ao modelo seguido por outros países na época, de reutilizar amplos casarões construídos por famílias abastadas. Além disso, a localização à margem da Lagoa Mundaú era um dos atrativos para a implementação delas, pois era ainda um local mais isolado da centralidade da Cidade.

Nesse sentido, temos a Clínica de Repouso Dr. José Lopes pela monumentalidade de sua edificação, como um símbolo de um período nebuloso: em que sustentou formas de tratamentos psiquiátricos precários e degradantes aos pacientes antes das reformas psiquiátricas e lutas antimanicomiais, que se iniciaram no estado na década de 80, e objetivaram tratamentos mais humanizados (RIBEIRO, 2012). Na associação abaixo percebemos uma *supervivência* (figura 7) que se constitui visualmente por imagens antigas da edificação da antiga Clínica e da paisagem mais recente que envolve tal edifício, em que evidencia o novo uso da área da antiga edificação: como o canteiro central de operações para monitoramento das minas da Braskem. Transformações vão se incorporando e por vezes esmaecendo marcas de outras épocas. Ao nos debruçar sobre os registros desta edificação, compreendemos que as fissuras podem estar além da superfície, sobrepostas. Marcando a paisagem de maneira simbólica, evidenciando explorações impostas pela ação antrópica sobre os corpos, sobre o meio.

Mais do que um palimpsesto (as escritas superpostas que são frequentemente encontradas nos manuscritos sobre pergaminho), a paisagem, na expressão do historiador Fernand Braudel (1986-87) é como nossa pele, condenada a conservar cicatrizes de feridas antigas (MENESES, 2002, p. 37).

As *fissuras* são antigas e se sobrepõem no tangível e intangível. Apesar do bairro ser reconhecido e conter delimitações que o identificam como um bem patrimonial pelo plano diretor da cidade (MACEIÓ, 2005) – como uma *ZEP (Zona Especial de Preservação)* e por conter duas *UEPs (Unidade Especial de Preservação)* –, a presença de vazios e degradação já era histórica antes mesmo da consequência da mineração atingir fortemente a dinâmica e uso do local. Sua fragilidade enquanto documentação edificada de outros tempos era evidente em algumas de suas edificações antigas, como na edificação conhecida como *Solar Nunes Leite*, que já se encontrava em estado de

<sup>16</sup> Um palacete à margem da Lagoa construído em 1914 por Francisco de Amorim Leão. Originalmente residencial e, segundo Amaral (2018, p. 256), de característica arquitetônica eclética com ascendência mourisca, com recuos ocupados por um imenso jardim e organizado em quatro pavimentos. Após alguns anos sem uso, em 1962, foi adquirido por José Lopes de Mendonça para ser utilizado como residência de sua família; o pavimento inferior mais o anexo construído próximo ao palacete foi utilizado para o funcionamento de sua clínica psiquiátrica.

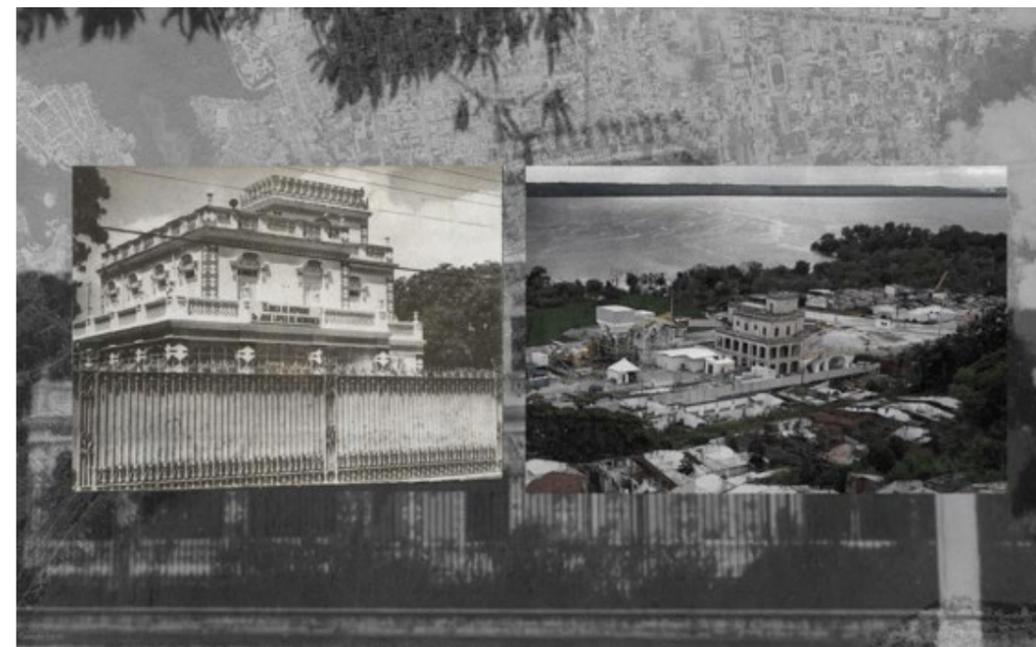


Figura 7 - Supervivências na paisagem de Bebedouro. Fonte: Arquivo público, s/d; ESTRELA, 2021 (adaptado).

degradação. A imagem na cidade de um Bebedouro das festas tradicionais na Praça da Igreja, dos folguedos, do veraneio, de nomes famosos da cidade, das feiras, dos bondes, da pesca, dos cartões-postais permaneceu em uma escala mais local, às margens, assim como a própria Lagoa. Em meados do século XX deu lugar à difusão de imagens de outras águas: do litoral e seu entorno.

Contudo, as *fissuras* são profundas e se evidenciam em outros aspectos que atravessam a percepção de um bem. A degradação material dos monumentos, dos bens considerados patrimônios era histórica, mas hoje é desabitada. Apesar dessa *desvalorização* patrimonial, Bebedouro era cotidiano, casa, vínculo, um chão cheio de memórias. A mineração dispersou e desvinculou esse patrimônio vivo que morava, movimentava as ruas, as praças, que dava corpo às ambiências/atmosferas do bairro. Hoje o bairro é um breu, uma imagem de rastros, mais um símbolo da ação antrópica devastadora sobre o meio, uma cova aberta (figura 8).

Mas como dito, a *fissura* é profunda. Ainda há outros bens à margem da cidade e do estado. São os moradores de uma área do bairro conhecida como *Flexal de cima* e *Flexal de baixo*, ainda com aproximadamente 800 famílias morando (ASCOM OAB/AL, 2022), que não entraram no mapa da realocação e que estão buscando acordos e processos para conseguirem ser incluídos, apesar da precariedade destes procedimentos de compensação promovidos pela mineradora. Essas áreas do bairro se encontram isoladas com seus moradores sob riscos de rachaduras, afundamentos e danos constantes pela influência não só da subsidência, como também das inundações decorrentes das chuvas de inverno; prejudicados pela insalubridade e insegurança dos espaços, economicamente e socialmente desrespeitados. Percebemos aqui a fissura como uma desestruturação que ainda não é critério e nem laudo para entrar no mapa, mas ainda uma postura inerte por parte da *Braskem* e estado que acabam promovendo a continuidade da desestruturação urbana e social dos moradores do local.

### Expressões de um desabitar

Segundo THOMAZ (1989), as *fissuras* são aberturas que surgem nas superfícies de edificações como um mecanismo de alívio de tensões formadas pela movimentação de seus componentes. Aparecem quando os esforços solicitantes nos materiais ou



estruturas são maiores que os esforços de resistência. Com relação a esta breve síntese, que se refere à fissura física em edificações, podemos pensar um pouco sobre as imagens, em especial no Instagram, em que mostram fragmentos do cotidiano do bairro há quase dois anos, quando grande parte dos moradores de Bebedouro começaram a sair de suas casas.

Largamente compartilhadas, movimentam a rede enquadrando rastros de casas, ruas, praças, as edificações antigas oficialmente protegidas (abandonadas) atrás de tapumes, o lixo que se acumula no espaço urbano, os animais desamparados, a vegetação preenchendo ruínas, entre outros. São imagens fotogênicas, na medida em que nos demonstram o engajamento de quem as produz. Tais registros, além de visibilizar através da rede, desvendam "(...) a parte de luz que a sombra coloca em evidência e que a percepção imediata dificilmente permite ver" (FONSECA, 2018, p. 2). Comunicando tensões que as consequências da perda frustrada de um habitar impõem aos corpos. E trazem, com o envolvimento dos moradores e outros sujeitos com a questão, reações expressas por meio do pixo nos muros e ruínas das edificações, dando palavras para o mal-estar nesse espaço urbano (figura 9).

Nesse sentido, podemos perceber a *fissura* como a expressão das tensões desse desabitado. Fazendo uma analogia ao sentido literal, como um alívio, no sentido de externar tal desestruturação à superfície. Além das tensões, observamos a expressão de vínculos afetivos construídos com o bairro ao longo do tempo, nos remetendo também à fissura não só como uma quebra, mas como um forte laço com algo e que resiste a partir desse reconhecimento compartilhado do que era e que não será mais dali.

E além desse patrimônio deslocado e fissurado, se evidencia a resistência de um *Outro* que não humano: uma natureza que sobrevive e vai persistindo em meio aos abandonos, preenchendo e esverdeando o hiato urbano do bairro. O deserto de movimento de pessoas que se transformou o bairro, esconde aparentemente os movimentos do meio, sua resiliência e, ao mesmo tempo, mostra sua fragilidade. Imagens de animais em risco e/ou abandonados, uma Lagoa de longe imponente e de perto com seu ecossistema lacustre fragilizado, vegetações vivendo e morrendo pelos movimentos do urbano.



### Fissurada

A *fissura* traz efeitos sobre as superfícies. O trauma urbano na região afetada (que não inclui só o bairro de Bebedouro) deixou marcas no tangível, mas também sobre o intangível (sobre as pessoas e suas relações e memórias ancoradas pelo local).

A *fissura* atravessa e fragmenta deslocamentos da cidade, que tiveram seus trechos de VLT (veículo leve sobre trilhos), de carros e alguns trajetos de ônibus interrompidos. Isola e esconde a Lagoa que permanece à margem do olhar da cidade, marcada pelo isolamento. Desagregou fisicamente o urbano, provocando também a desagregação sociocultural e o adoecimento de muitos moradores de longa data no local. Antigos moradores chegaram até a voltar para suas casas já deterioradas pelo tempo, pela transformação das ambiências/atmosferas, devido às precariedades dos processos de compensação e dificuldades financeiras e emocionais encontradas para se estabelecer e se (re)construir em outro local da cidade de maneira semelhante ao que se tinha antes.

Os efeitos e irregularidades da mineração de sal-gema levaram a bruscas transformações, como a desocupação da área pelos seus moradores, o que levou a ocupação em outras localidades da cidade e até mesmo em cidades do interior, aumentando as demandas imobiliárias. Os bairros afetados e suas adjacências imediatas, foram estigmatizados e desvalorizados economicamente, ambientalmente e socialmente. Este cenário hostil parece estar à margem, funcionando como mais um meio frágil da cidade transformado pela ação antrópica. Insuficientes foram as participações do poder público, até o momento, para amenizar e mediar as vulnerabilidades, de longo prazo e imediatas ambientais – como das consequências das chuvas do inverno de 2022, a proliferação de reservatórios de vetores de doenças.

Desse modo, olhando para as diversas imagens que falam desse trauma urbano, compreendemos aqui que este desabitado do bairro e da região afetada mais diretamente, compromete outros movimentos da cidade como um todo, em especial a mobilidade e habitação. A *fissura*, como uma abertura, trouxe a instabilidade à tona. Cultivada do passado ao presente, nos aponta uma condição contemporânea de incertezas, carregadas de lacunas para se pensar um futuro habitável da área.

## Considerações

O que quebrou? O que não resistiu, o que persistiu e/ou que se construiu pelos efeitos de uma força? São perguntas que se apresentaram a partir dos processos estudados e vivenciados do olhar sobre uma grande diversidade imagética de Bebedouro. Buscou-se refletir e compreender, neste artigo, a multiplicidade semântica da fissura em relação às consequências históricas e socioambientais da subsidência no bairro a partir dos recortes imagéticos delineados e interpretados.

Neste percurso, foi possível perceber a capacidade da imagem, influenciadas por suas particularidades de tempo e veiculação, de comunicar olhares sobre acontecimentos que atravessam memória e cidade, sobre rasgos nos vínculos com o espaço, sobre rastros de um habitar. Um patrimônio deslocado, fissurado que movimenta outras fissuras, evidenciado em uma imensidão de imagens repletas de memórias e afetos em diversas consistências que registram o processo de esvaziamento do bairro.

Contudo, a desvinculação material com o espaço gerada pela consequência da mineração, não conseguiu totalmente produzir uma quebra de laços e vivências criadas ao longo do tempo. Como uma fissura, estes laços emergiram à superfície e demonstram, além das tensões do desabitar que este lugar de memória carrega, a persistência e movimentação de afetos atribuídos com a produção da imagem e sua veiculação. O que nos leva a pensar que as experiências desse habitar se perdem na sua descontinuidade urbana, mas sobrevivem pelas disposições de dizer para quem puder ouvir sobre um patrimônio agora marcado e, em si, composto pela perda brusca do habitar e a construção traumática da memória.

## Referências

AMARAL, Vanine Borges. *Expressões Arquitetônicas da Modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

ASCOM OAB/AL. Comissões da OAB/AL fazem vistoria em área afetada pela mineração nos Flexais. *Tribuna Hoje*, Maceió, 15 set 2022. Disponível em: <<https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2022/09/15/109172-comissoes-da-oabal-fazem-vistoria-em-area-afetada-pela-mineracao-nos-flexais>>. Acesso em: 20 nov 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Daniel Saboia Almeida. *Atlas: percursos imaginários, cidades em movimento*. 2021. 308 f. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo) - Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, Universidade Federal da Bahia. CPRM - Serviço Geológico do Brasil. *Estudos sobre a instabilidade do terreno nos bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL): Relatório síntese dos resultados n. 1*. Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/21133>>. Acesso em 12 jul 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: presidente da república, [2016]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 5 jul 2022.

CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. *A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934*. 2009. 268 f. Tese (doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco.

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Lidando com um patrimônio sensível. O caso de Bento Rodrigues, Mariana MG. *Arquitextos*, São Paulo, ano 20, n. 230.00, Vitruvius, 2019. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.230/7423>>. Acesso em: 25 set. 2022.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (vol. 1). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou a Gaia ciência inquieta: o olho da história*. Lisboa: KKYM/EAUM, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira Duarte. A empatia espacial e suas implicações nas ambiências urbanas. In: VII SEMINÁRIO PROJETAR - ORIGINALIDADE, CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NO PROJETO CONTEMPORÂNEO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA, Natal, 2015. *Anais...* Natal: PPGAU/ UFRN, 2015.

DUARTE, Rubens. *Orla lagunar de Maceió: apropriação e paisagem (1960-2009)*. 2010. 193 f. Dissertação (mestrado em dinâmicas do espaço habitado) - Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas.

FERREIRA, Guilherme Henrique. *Fissuras em edificações de concreto armado: revisão e estudo de caso*. 2020. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Departamento de Engenharia Civil, Universidade Federal de Ouro Preto.

FONSECA, Darci Raquel. As múltiplas faces da fotogenia. *Contemporânea*, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 01-07, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/article/view/33832/18327>. Acesso em: 12 de ago de 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2006, Cap. 8, p. 107-118.

GALINDO, Abel. Aspectos técnicos de uma mineração desastrosa. In: FRAGOSO, E. (org). *Rasgando a cortina de silêncios*. 1. ed. Maceió: Ed. Instituto Alagoas, 2022.

KASTRUP, Virgínia.; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009, Cap. 4, p. 76-91.

LAMOUNIER, Alex. *Atmosferas de Preferência e a 'Cidade Maravilhosa'*. 2017. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Pontes, 1997.

MACEIÓ. *Lei Municipal nº 5.486 de 30 de dezembro de 2005*. Institui o Plano Diretor do Município de Maceió/AL. Disponível em: <[https://www.sedet.maceio.al.gov.br/servicos/pdf/plano\\_diretor/00\\_lei\\_municipal\\_5486.pdf](https://www.sedet.maceio.al.gov.br/servicos/pdf/plano_diretor/00_lei_municipal_5486.pdf)>. Acesso em: 30 fev 2020.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Paisagem como fato cultural. In: YAZIGI, Eduardo. *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, Cap. 2, p. 29-64.

NORA, Pierre. Entre memória e história: *a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28. 1993.

OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos. As “Pedras” de Bluteau e o patrimônio paisagístico. *Ímpeto*, Maceió, v. 9, p. 9-16, 2019. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/504>>. Acesso em: 05 abr 2020.

OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos. *As vilas e seus gestos urbanos: o desenho de seis núcleos de origem colonial no contexto da representação textual e iconográfica dos séculos XVI e XVII*. Maceió: EDUFAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

PANERAI, Phillipe. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

MOTA, Ricardo. Cientista que previu há 40 anos danos da mineração. *TNH1*, Maceió, 09 maio 2019. Disponível em: <<https://blog.tnh1.com.br/ricardomota/2019/05/09/o-cientista-que-previu-ha-40-anos-os-danos-da-mineracao-do-sal-gema/>>. Acesso em 10 maio 2020.

PIMENTEL, Evellyn. Lagoa Mundaú é “barril de pólvora”, alerta pesquisador. *Tribuna Hoje*. Maceió, 08 out 2021. Disponível em: <<https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2021/10/08/78599-lagoa-mundau-e-barril-de-polvora-alerta-pesquisador>>. Acesso em: 10 nov 2021.

PRATA, Didiana. *Imageria e poéticas da representação da paisagem urbana nas redes*. 2016. 141f. Dissertação (Mestrado Projeto, Espaço e Cultura) - Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

RASTRO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rastro/>>. Acesso em: 08 fev 2022.

RIBEIRO, Maria Cristina. *A saúde mental em Alagoas: trajetória da construção de um novo cuidado*. 2012. 243 f. Tese de doutorado (doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.

ROCHA, Eduardo *et al.* Cartografias sensíveis na cidade: experiência e resistência no espaço público da região sul do RS. *Revista Píxo*, Pelotas, v.1, n. 3, p. 148-161, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/12790>>. Acesso em: 10 maio 2022.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Caroline Gonçalves dos; *et al.* Solo em subsidência em bairros de Maceió-AL: emergências impostas aos agentes produtores do espaço urbano. *Ímpeto*, Maceió, v. 10, p. 91-100, 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/551>>. Acesso em 18 dez 2020.

SILVA, Thiago Cavalcanti Lins; FERREIRA, Bruno. Geomorfologia do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba – CELMM, Alagoas, Nordeste do Brasil. *Revista de Geociências do Nordeste*, v. 7, n. 2, p. 68–79, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revistadogregne/article/view/24790>. Acesso em: 24 ago. 2022.

TICIANELI, Edberto. Descoberta de sal-gema em Alagoas foi por acaso. *História de Alagoas*, Maceió, 22 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/descoberta-da-sal-gema-em-alagoas-foi-por-acaso.html>>. Acesso em: 10 abr 2020.

THIBAUD, Jean Paul. The backstage of urban ambiances: when atmospheres pervade everyday experience. *Emotion, Space and Society*, Elsevier, pp. 39-46, 2015.

THOMAZ, Ercio Thomaz. *Trincas em edifícios: causas, prevenção e recuperação*. São Paulo: Pini, 1989.

TRINDADE, Rafael. Espinosa - Origem e natureza dos afetos. *Razão inadequada*, 2014. Disponível em: <<https://razoainadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/>>. Acesso em: 08 abr 2021.

VELEDA, Raphael; ESTRELA, Igo. Afundamento de Maceió provoca êxodo urbano de 55 mil pessoas. *Metrópoles*, 23 maio 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/materias-especiais/afundamento-de-maceio-provoca-exodo-urbano-de-55-mil-pessoas>>. Acesso em: 18 Ago 2021.

THE WARBURG INSTITUTE. Virtual Tour – Aby Warburg: Bilderatlas Mnemosyne exhibition at Haus der Kulturen der Welt. 2020. Disponível em: <<https://warburg.sas.ac.uk/virtual-tour-aby-warburg-bilderatlas-mnemosyne-exhibition-haus-der-kulturen-der-welt>>. Acesso em: 11 ago 2021.